



Presença de estudantes autodeclarados negros e pardos em um curso de bacharelado em Odontologia

Presence of self-declared Black and Brown students in a Bachelor's degree in Dentistry

Fábio Victor Dias Silva¹; Maria José Silva Vieira²; Kauana da Silva Andrade¹; Alessandra Mireilla Domingos de Farias²; Marcos Aurélio Vasconcelos Lima Júnior³.

¹Acadêmicos de Odontologia do Centro Universitário de João Pessoa, João Pessoa–Paraíba–Brasil

²Graduada em Odontologia pelo Centro Universitário de João Pessoa, João Pessoa–Paraíba–Brasil

³Professor de Odontologia do Centro Universitário de João Pessoa, João Pessoa–Paraíba–Brasil

Autor e endereço para correspondência:

Marcos Aurélio Vasconcelos Lima Júnior – Rodovia BR-230, Km 22, s/n – Água Fria, João Pessoa, PB – CEP: 58053-000. Email: marcoslimajr@gmail.com

Resumo

Introdução: Na Odontologia, ainda não é evidente como as questões relacionadas à raça e etnia se apresentam no corpo discente das Instituições de Ensino Superior (IESs) que oferecem este curso. **Objetivo:** conhecer a frequência e perfil de estudantes que se autodeclararam negros e pardos no curso de Odontologia de uma IES em João Pessoa – PB. **Metodologia:** Trata-se de uma pesquisa de campo, observacional, com abordagem quantitativa. Foi aplicado um questionário estruturados à 234 estudantes, escolhidos por conveniência, visando obter informações sociodemográficas e acadêmicas dos participantes, dados estes relacionados ao objetivo do estudo. Na análise dos dados foram obtidas distribuições absolutas e percentuais e as medidas estatísticas de tendência central e dispersão. A digitação dos dados e as medidas estatísticas descritivas foram realizados através do *Microsoft Excel*. **Resultados:** Foi observado que a maior parte dos estudantes eram do sexo feminino (75%), com idade média de 23 anos (DP=4,75). Cerca de 49,15% se autodeclararam como brancos, enquanto 43,16% se declararam como pardos e apenas 2,56% como negros. Associado a isso, 28,63% dos estudantes eram bolsistas, sendo apenas 5,98% beneficiários pelo ProUni. Em relação ao financiamento estudantil, 29,91% eram financiados pelo FIES e 15,81% pelo PRAVALER. Além disso, 50,43% não tinham nenhum financiamento estudantil. **Conclusão:** Um baixo número de estudantes se autodeclararam negros e pardos na instituição em relação ao número de participantes brancos que responderam à pesquisa. Esses resultados foram discutidos com base nas perspectivas históricas e econômicas que circundam as diferenças sociais, bem como acerca das especificidades do curso de Odontologia.

Descritores: Estudantes de Odontologia. Políticas. Ensino Superior.



Abstract

Introduction: In Dentistry, it is still not evident how issues related to race and ethnicity present themselves in the student body of Higher Education Institutions (HEIs) that offer this course. **Objective:** to know the frequency and profile of students who call themselves blacks and browns in the Dentistry course of an HEI in João Pessoa - PB. **Methodology:** This is an observational field research with a quantitative approach. A structured questionnaire was applied to 234 students, chosen for convenience, aiming to obtain sociodemographic and academic information from the participants, data related to the objective of the study. In the data analysis, absolute and percentage distributions were obtained and the statistical measures of central tendency and dispersion. Data entry and descriptive statistical measures were performed using Microsoft Excel. **Results:** It was observed that most of the students were female (75%), with an average age of 23 years old (SD = 4.75). About 49.15% declared themselves as white, while 43.16% declared themselves as brown and only 2.56% as black. Associated with this, 28.63% of the students were scholarship holders, with only 5.98% benefiting from ProUni. Regarding student financing, 29.91% were financed by FIES and 15.81% by PRAVALER. In addition, 50.43% had no student funding. **Conclusion:** A low number of students declared themselves black and brown in the institution in relation to the number of white participants who responded to the survey. These results were discussed based on the historical and economic perspectives that surround social differences, as well as on the specificities of the Dentistry course.

Keywords: Dental Students. Policy. Higher Education.

Introdução

A sociedade brasileira constituiu-se antes e depois da abolição da escravidão sobre a distinção de uma parcela que, no início, era uma pequena parte da população e que, hoje, prevalece como tal: a população negra. No Censo Populacional de 2010, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) estimou em cerca de 7,6% a parcela de negros na população brasileira^{1,2}.

A população negra do Brasil é vítima de racismo, discriminação e desigualdades que tiveram início com a dispersão, e a conseguinte imigração forçada para o nosso país, e permanece até os dias atuais³. Uma das formas de não reconhecimento é a ausência do negro na maioria dos espaços de poder e de prestígio em nossa sociedade. As pesquisas apontam que é grande o abismo que separa a população negra da branca na sociedade brasileira. Esse contexto é revelado, principalmente, no preconceito baseado na omissão que diminui as oportunidades de ascensão social para pretos e pardos, como acesso ao ensino superior⁴.

Porém, segundo Heringer (2014)⁵, a quantidade de estudantes matriculados em instituições públicas federais dobrou entre 2003 e 2011, e, não obstante que ainda é muito inferior, a quantidade de negros no ensino superior cresceu 232% comparado entre 2000 e 2010, indicando resultados positivos. De acordo com Santos⁶, essa quantidade crescente de negros nesta modalidade de ensino, deve-se, em maior parte, aos programas educacionais criados pelo governo. Entretanto, observa-se que, mesmo com as melhorias no contexto educacional ao longo do tempo, ainda há uma pequena parcela da população negra no ensino superior, e estes ainda são poucos em comparação aos estudantes brancos.



Dados do Censo da Educação Superior de 2017, considerado o mais recente no país, mostram que cerca de 25% dos estudantes matriculados no referido ano em Instituições de Ensino Superior não declararam raça, enquanto 6% se autodeclararam pretos e outros 26% pardos. Este perfil foi diferente entre as instituições públicas e privadas. Nas públicas, observou-se 9% de pretos e 30% de pardos, enquanto nas privadas esta ocorrência foi de 6% e 25%, respectivamente⁷. Esses dados demonstram que pardos e negros ocupavam menos vagas no ensino privado, quando comparado com as públicas.

Acerca do campo da Odontologia, é possível observar na literatura científica alguns estudos sobre o perfil de estudantes dos cursos de bacharelado no Brasil. Entretanto, a maior parte destes trabalhos não abordam as questões de raça, e muito pouco se sabe a respeito da participação de negros e pardos na formação em Odontologia no Brasil. É a partir desta lacuna que se propõe a construção desta pesquisa.

Esses resultados podem lançar luz sobre a discussão acerca da inclusão dos negros e pardos nos cursos de bacharelado no Brasil, sobretudo na Odontologia, cuja formação, considerada onerosa em função da necessidade de aquisição de materiais e equipamentos, pode restringir significativamente o acesso de pessoas de baixa renda. Esse contexto torna-se evidente ao analisar a interface entre etnia e renda mensal, onde nota-se que 93,0% das famílias de graduandos pretos encontram-se na faixa de renda familiar per capita de até 1,5 salário mínimo, assim, esse é o grupo que pode apresentar maiores chances de enfrentar dificuldades socioeconômicas durante o curso⁸.

Diante do exposto, o objetivo deste estudo foi conhecer a frequência e o perfil socioeconômico de estudantes que se autodeclararam negros e pardos no Curso de Bacharelado em Odontologia do Centro Universitário de João Pessoa, com a finalidade de gerar subsídios para a discussão da melhoria da inclusão e diminuição das desigualdades raciais no ensino superior brasileiro.

Metodologia

O presente estudo se caracteriza como uma pesquisa de campo, exploratória, observacional, com abordagem quantitativa. A pesquisa foi desenvolvida nas dependências do Curso de Odontologia do Centro Universitário de João Pessoa (UNIPÊ), na Paraíba – Brasil.

A população do estudo foi constituída por estudantes regularmente matriculados do 1º ao 10º período do curso de bacharelado em Odontologia do UNIPÊ, composta de 596 estudantes no segundo semestre de 2019. A amostra foi obtida de forma não probabilística, estratificada, onde uma quantidade representativa de cada turma foi abordada, para que todos os alunos tivessem a oportunidade de participar do estudo. A estratificação se deu de forma proporcional, dentre as 14 turmas ativas no curso no semestre supracitado, onde o número de participantes foi uma fração proporcional da amostra inicial, correspondendo ao número de alunos matriculados.



O número amostral inicial foi estabelecido em 234 participantes, obtido através de cálculo estatístico feito com auxílio do programa SurveyMonkey® (SurveyMonkey Inc., San Mateo, Califórnia, EUA), sendo considerado o nível de confiança de 95% e o erro amostral admitido de 5%.

Os estudantes foram abordados em sala de aula, de forma coletiva, mediante palestra informativa, onde os pesquisadores esclareceram os objetivos, riscos, benefícios e procedimentos da pesquisa. Foram incluídos os estudantes regularmente matriculados nos períodos 1º a 10º do Curso de Graduação em Odontologia do UNIPÊ, maiores de 18 anos, e que aceitaram participar de forma voluntária. Foram excluídos da pesquisa aqueles que se sentiram desconfortáveis diante do preenchimento do questionário, ou ainda os questionários que foram devolvidos em branco.

A coleta de dados foi iniciada após aprovação da pesquisa pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos (CEP) do UNIPÊ, sob parecer nº 3.590.413. Todos os participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

Como instrumento de coleta de dados foi aplicado um questionário estruturado, contendo dezenove (19) questões, extraído e adaptado de um instrumento já validado pelo estudo de Santana (2006)⁹. Esse questionário buscava obter dados demográficos (sexo, idade e etnia), socioeconômicos (renda familiar e escolaridade dos pais) e acadêmicos (período cursado, bolsas de estudos, financiamento estudantil, etc), sendo preenchido pelo próprio participante.

Após o preenchimento, o questionário foi depositado em um envelope, sendo lacrado com a fita adesiva disponível na aba do mesmo, de forma que não houve nenhuma identificação. Os envelopes foram recolhidos e encaminhados para tabulação e geração do banco de dados, para a realização das estatísticas que fomentaram os resultados.

Na análise dos dados foram obtidas distribuições absolutas e percentuais e as medidas estatísticas de tendência central e dispersão. A digitação dos dados e as medidas estatísticas descritivas foram realizados através do *Microsoft Excel*® 16.0 (Microsoft Corporation, Redmond, Washington, EUA).

Resultados

Participaram do estudo 234 estudantes regularmente matriculados no curso de Odontologia do UNIPÊ, com a amostra final correspondendo à amostra inicial. Dentre os participantes, a maior parte era do sexo feminino (75%), enquanto 25% correspondia ao sexo masculino. Associado a isso, os estudantes apresentavam idade média de 23 anos ($DP=4,75$).

Os participantes do sexo masculino se autodeclararam, majoritariamente, como brancos (49,15%) e pardos (47,46%). Esse resultado também foi encontrado em relação às mulheres, cuja maioria afirmou ser de etnia branca (49,14%). Ademais, nota-se também que todos os participantes da etnia negra, indígena e amarela eram do sexo feminino, conforme a tabela 1.



Tabela 1. Distribuição dos participantes por etnia e sexo.

Etnia	Sexo		Total
	Masculino	Feminino	
Branca	29 (49,15%)	86 (49,14%)	115 (49,15%)
Negra	0 (0%)	6 (3,34%)	6 (2,56%)
Parda	28 (47,46%)	73 (41,71%)	101 (43,16%)
Indígena	0 (0%)	4 (2,29%)	4 (1,71%)
Amarela	0 (0%)	5 (2,86%)	5 (2,14%)
Não respondeu	2 (3,39%)	1 (0,57%)	3 (1,28%)
Total	59 (25,21%)	175 (74,79%)	234 (100%)

Fonte: Dados da pesquisa, 2020.

Em relação à renda familiar mensal (Tabela 2), a maioria dos participantes possuíam uma renda em torno de 5 a 8 salários mínimos. Quando se verifica a interface dessa variável com a etnia dos estudantes, a análise evidencia que aqueles mais abastados, isto é, cuja renda familiar está acima de 10 salários mínimos, são da etnia amarela (20%), seguido pela etnia branca (18,26%).

Tabela 2. Distribuição dos estudantes de acordo com a renda mensal familiar e a etnia.

Renda Familiar (mensal)	Etnia						Total
	Branca	Negra	Parda	Indígena	Amarela	Em branco	
1 a 2 salários mínimos	14 (12,17%)	1 (16,67%)	22 (21,78%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	37 (15,81%)
3 a 4 salários mínimos	28 (24,35%)	1 (16,67%)	29 (28,71%)	1 (25%)	2 (40%)	1 (33,33%)	62 (26,50%)
5 a 8 salários mínimos	36 (31,30%)	2 (33,33%)	26 (25,74%)	1 (25%)	2 (40%)	1 (33,33%)	68 (29,60%)
9 a 10 salários mínimos	16 (13,91%)	1 (16,67%)	10 (9,90%)	2 (50%)	0 (0%)	0 (0%)	29 (12,39%)
Mais de 10 salários mínimos	21 (18,26%)	1 (16,67%)	14 (13,86%)	0 (0%)	1 (20%)	1 (33,33%)	38 (16,24%)
Total	115 (49,15%)	6 (2,56%)	101 (43,16%)	4 (1,71%)	5 (2,14%)	3 (1,28%)	234 (100%)

Fonte: Dados da pesquisa, 2020.

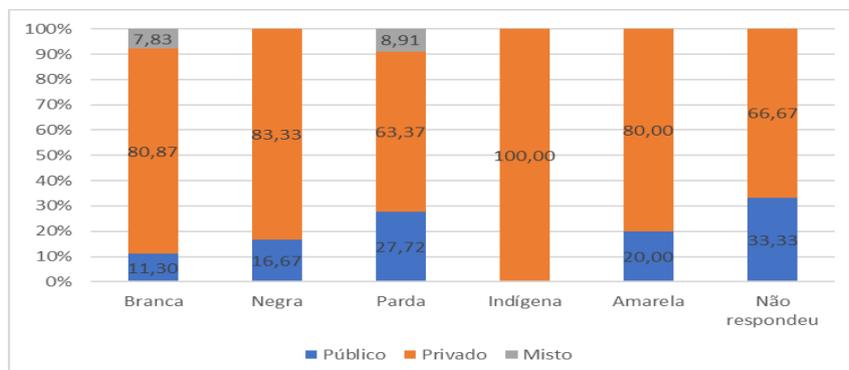
Em seguida, foi verificado o tipo de instituição em que os participantes cursaram o ensino médio. No geral, a maioria (73,5%) dos participantes afirmou ter concluído o ensino médio em uma instituição privada (gráfico 1).

Em relação ao acesso dos participantes ao Programa Universidade para Todos (PROUNI), foi observado que apenas 14 (5,98%) afirmaram ser beneficiários por esta política pública. Associado a isso, em relação à etnia dos estudantes beneficiários, estão distribuídos entre os declarados brancos (4,35%) e os pardos (8,91%).

Quando analisado o tipo de financiamento estudantil utilizado pelos participantes, verificou-se que a maioria afirmou seguir os estudos sem financiamento (49,15%), seguido pela utilização do FIES (29,91%). Esse resultado é semelhante para alunos brancos, que afirmam não utilizar financiamentos (50,43%). Dos estudantes pardos, observa-se uma prevalência de alunos sem

financiamento (45,54%) e também dos que utilizam o FIES (30,69%). Quanto aos estudantes negros, 50% afirmou não ter financiamento e 50% afirmou ser contemplado pelo FIES.

Gráfico 1. Distribuição por etnia e modalidade de instituição que concluiu o ensino médio.



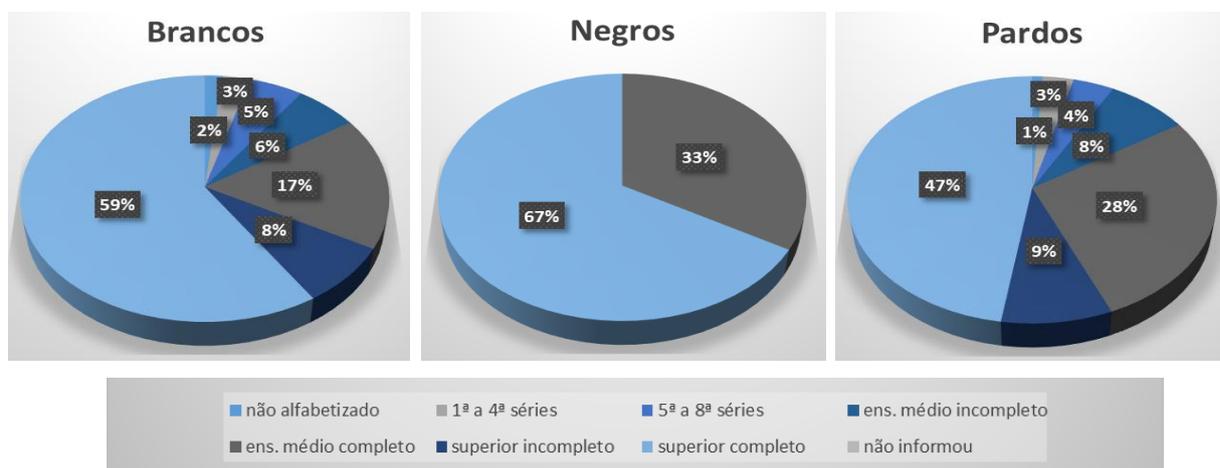
Fonte: Dados da pesquisa, 2020.

Acerca da distribuição por bolsa de estudos e etnia, a maior parte dos que afirmaram não receber bolsa diz respeito a alunos das etnias amarela (80%), branca (70,43%) e parda (61,39%). A porcentagem de alunos que afirmaram receber bolsa de estudos foi semelhante entre os brancos (25,22%) e os pardos (29,70%). Entretanto, ao analisar o perfil dos estudantes negros quanto a distribuição de bolsas, neste estudo, é possível verificar a maioria possuem bolsas de estudos (67%).

O gráfico 2 demonstra que as mães de estudantes brancos têm, em sua maioria, ensino superior completo (59,13%), enquanto as mães dos alunos negros têm ensino superior (66,67%) e ensino médio completos (33,3%).

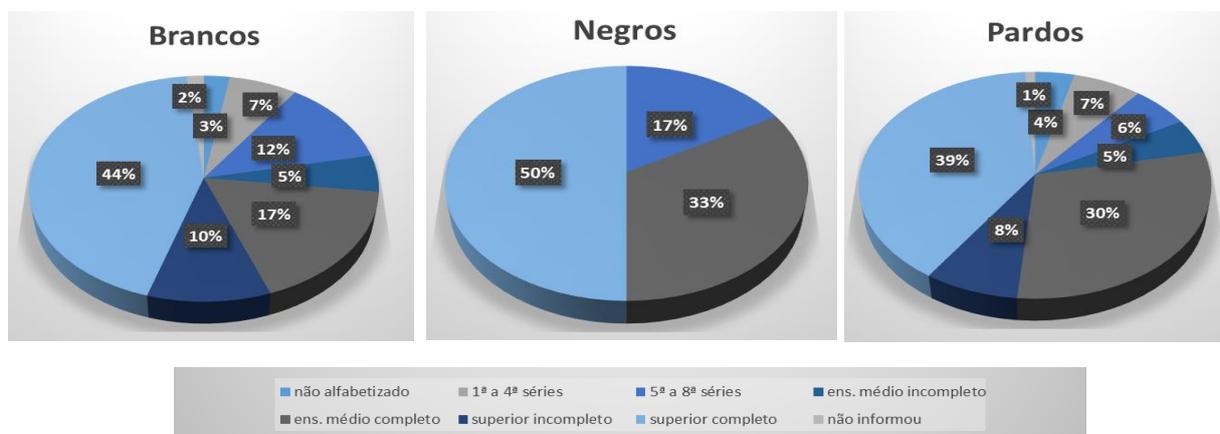
Ao analisar o nível de escolaridade dos pais, observa-se que dos pais de alunos brancos, a maior parcela tem ensino superior completo (43,48%). Dos autodeclarados negros, a metade afirmou que os pais possuem ensino superior (50%), conforme o gráfico 3.

Gráfico 2. Distribuição por escolaridade das mães de estudantes das etnias branca, negra e parda.



Fonte: Dados da pesquisa, 2020.

Gráfico 3. Distribuição por escolaridade dos pais de estudantes das etnias branca, negra e parda.



Fonte: Dados da pesquisa, 2020.

Discussão

Nesta pesquisa foi observado que o curso de odontologia da referida Instituição de Ensino Superior tem um forte perfil feminino, acompanhando a tendência histórica, a qual aponta que desde 1980 as faculdades de Odontologia do Brasil têm formado um número maior de mulheres que de homens¹⁰. Corroborando com esse resultado, de acordo com os dados do Conselho Federal de Odontologia (CFO) de 2020, a maioria dos cirurgiões-dentistas especialistas do Brasil são do sexo feminino (55,7%)¹¹.

Ainda neste contexto, no campo da Odontologia, incorre uma dificuldade de acesso a estudos que retratem, de modo transversal ou direto, as questões de raça e etnia dos estudantes ingressantes ou egressos. Granja et al. (2016)¹², se propõem a estudar o perfil dos estudantes de graduação em Odontologia, mais precisamente sobre as motivações e as expectativas da profissão, porém, ao observar a metodologia e os resultados percebe-se que entre as variáveis deixadas de lado na análise estão a raça e etnia dos estudantes. Nessa direção, Latreille et al. (2015)¹³ argumentam ser impressionante a presença marcante de alunos do curso de odontologia que se autodeclararam brancos. Os autores também discutem ser difícil perceber negros, indígena e amarelos neste contexto. Segundo Videira, Oliveira e Penha (2020)¹⁴, muitas vezes, a construção e a autodeclaração de uma identidade negra pelos indivíduos dentro de instituições de ensino torna-se difícil, pois alguns atributos fenotípicos são alvos de ofensas e atitudes racista.

Os dados encontrados neste estudo podem estar refletindo o que fora encontrado no último censo realizado pelo IBGE. De acordo a pesquisa, das pessoas consultadas no Brasil, foi constatado que 73,9% daquelas autodeclaradas como brancas recebem mais rendimentos que negros e pardos¹⁵. No geral, é comum observar que as pessoas brancas, no Brasil, costumam ter



uma renda maior que as pessoas negras. Essa é uma tendência histórica no país, demarcado pela segregação social de um grupo em decorrência da cor da pele de seus membros¹⁶.

Em nossa pesquisa, a maioria dos participantes afirmou ter concluído o ensino médio em uma instituição privada. Esse dado se aproxima, bem como atualiza, o resultado encontrado por Leite et al. (2012)¹⁷, cujo estudo demonstrou que a maioria dos estudantes entrevistados, matriculados em uma faculdade de Odontologia da Paraíba, tinham concluído seus estudos em escolas particulares (90,5%). Ao observar a interface do tipo de escola com a etnia, especificamente quando se compara brancos, negros e pardos, os estudantes autodeclarados pardos correspondem à maior parcela, dentre esses grupos, oriundos de uma instituição pública (27,72%). Esse resultado corrobora com o estudo de Silva et al. (2011)¹⁸, no qual foi reportado que somente 19% dos estudantes haviam concluído o ensino médio em escolas públicas.

Apesar de apenas 14 (5,98%) dos estudantes afirmarem serem bolsistas pelo ProUni, o ProUni tem como principal objetivo permitir a entrada de estudantes de baixa renda à educação superior, por intermédio da concessão de bolsas de estudos integrais ou parciais, em instituições privadas de educação superior. Neste contexto, as políticas inclusivas vêm como forma de correção a uma universalidade de igualdades e oportunidades prometida pela forma do governo democrático¹⁹.

Em relação ao nível de escolaridade dos pais e mães, os resultados deste estudo foram superiores a uma pesquisa anterior, realizada com estudantes das Instituições Federais de Ensino Superior de todo o Brasil, o qual constatou que 32,3% dos pais e 40% das mães de alunos brancos tinham nível superior completo. Em relação aos pais dos alunos que se autodeclararam negro e parda, apenas 7,8% e 16,3%, respectivamente, alcançaram nível superior completo⁸.

Nos resultados encontrados em nosso estudo, verificou-se que a maioria dos estudantes afirmou estudar sem financiamento. Levando em conta que a graduação em Odontologia é compreendida como onerosa, é provável que esse resultado esteja refletindo o perfil socioeconômico dos participantes do estudo. Ao passo em que o Brasil é demarcado pela discrepância econômica entre brancos, negros e pardos, como já levantado em discussão, a opção pelo financiamento estudantil pode ser entendida como plausível para esse último grupo.

Na bibliografia consultada, não foi encontrado qualquer estudo sobre a o perfil de estudantes bolsistas nos cursos de Odontologia no Brasil. Entretanto, ao analisar o perfil dos estudantes negros quanto a distribuição de bolsas, neste estudo, é possível verificar que a maioria possui bolsas de estudos. Esse dado se contrasta com o perfil dos estudantes brancos, colocando-se, assim como um problema de pesquisa a ser investigado no futuro.

Os resultados desse estudo foram discutidos com base nas perspectivas históricas e econômicas que circundam as diferenças sociais, bem como acerca das especificidades do curso de Odontologia. Ressalta-se que os resultados desta pesquisa podem não refletir a realidade vivenciada pelos estudantes negros e pardos de outras instituições brasileiras. Entretanto, dado o seu caráter pioneiro no que se propôs discutir, destaca-se a potencial relevância deste estudo na



condução de novas pesquisas, elaboradas sob o horizonte de combate às desigualdades raciais no ensino superior brasileiro. Sugere-se a realização de novos estudos no âmbito nacional, buscando relacionar o perfil étnico com outras variáveis sociodemográficas não apresentadas nessa pesquisa.

Conclusão

Foi observado um baixo número de estudantes que se autodeclararam negros e pardos na instituição em relação ao número de participantes brancos que responderam à pesquisa. Grande parte dos estudantes possuem boas condições financeiras e, independentemente da etnia, a maioria, estudou em escola privada durante o ensino médio. Os estudantes negros são os mais contemplados pelas bolsas de estudo. Os estudantes pardos correspondem a maior parcela, dentre os grupos étnicos, oriundos de instituições públicas. Além disso, os pardos fazem parte do grupo com menor renda familiar mensal, sendo os mais beneficiados pelo PROUNI, quando comparados com os números de estudantes brancos assistidos por essa política pública.

Referências

1. Tragtenberg MHR, Bastos JLD, Nomura LH, Peres MA. Como aumentar a proporção de estudantes negros na universidade?. *Cad. de Pesqui.* 2006; 36(128): 473-495.
2. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Censo Demográfico 2010: Características gerais da população, religião e pessoas com deficiência. Rio de Janeiro (RJ): IBGE, 2012. Available from: ftp://ftp.ibge.gov.br/Censos/Censo_Demografico_2010/Caracteristicas_Gerais_Religiao_Deeficiencia/caracteristicas_religiao_deficiencia.pdf.
3. Cunha HDO. Isonomia para os negros brasileiros: as ações afirmativas como instrumento para alcançar a igualdade material. *Revistas e Anais UNIUBE.* 2013; 1(1): 87-107.
4. Oliven AC, Bello L. Negros e indígenas ocupam o templo branco: ações afirmativas na UFRGS. *Horiz. Antropol.* 2017; 23(49): 339-374.
5. Heringer R. Um balanço de 10 anos de políticas de ação afirmativa no Brasil. *Tomo.* 2014; 24(1):13-29.
6. Santos DBR. Curso de branco: uma abordagem sobre o acesso e a permanência de estudantes de origem popular nos cursos de saúde da universidade federal do recôncavo da Bahia (UFRB). *Revista Contemporânea de Educação.* 2017; 12(23): 31-50.
7. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. Sinopse estatística da Educação Superior 2017. Brasília (DF): INEP; 2018. Available from: http://download.inep.gov.br/informacoes_estatisticas/sinopses_estatisticas/sinopses_educacao_superior/sinopse_educacao_superior_2017.zip.



8. Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior. V Pesquisa Nacional de Perfil Socioeconômico e Cultural dos Estudantes de Graduação das IFES. Brasília (DF): Fórum Nacional de Pró-Reitores de Assuntos Comunitários e Estudantis (FONAPRACE); 2018. Available from: <http://www.andifes.org.br/v-pesquisa-nacional-de-perfil-socioeconomico-e-cultural-dos-as-graduandos-as-das-ifes-2018/>.
9. Santana ES. O aluno negro e o ensino superior: trajetória histórica, percalços e conquistas (análise do perfil sócio econômico e acadêmico do discente da FCT/UNESP/Presidente Prudente). (Dissertação de Mestrado). Presidente Prudente: Faculdade de Ciência e Tecnologia – UNESP; 2006.
10. Mott ML, Alves OSF, Muniz MA, Martino LVS, Santos APF, Maestrini K. 'Moças e senhoras dentistas': formação, titulação e mercado de trabalho nas primeiras décadas da República. *Hist. cienc. saude-Manguinhos*. 2008; 15(suppl): 97-116.
11. Conselho Federal de Odontologia. Quantidade geral de cirurgiões-dentistas especialistas. Brasília (DF): CFO; 2020. Available from: <https://website.cfo.org.br/estatisticas/quantidade-geral-de-cirurgioes-dentistas-especialistas/>.
12. Granja GL, Santos JTL, Mariz RC, Araki AT, Souza SV, Nunes JMFF, et al. Perfil de Estudantes de Graduação em Odontologia: motivações e expectativas da profissão. *Revista da ABENO*. 2016; 16(4): 107-113.
13. Latreille AC, Sobrinho SM, Warmling AMF, Ribeiro DM, Amante CJ. Perfil socioeconômico dos graduandos em Odontologia da Universidade Federal de Santa Catarina. *Revista da ABENO*. 2015; 15(1): 86-96.
14. Videira PL, Oliveira WV, Penha SS. Autodeclaração racial e desdobramentos educacionais na Escola Estadual General Azevedo Costa. *Revista Teias*. 2020; 21(62): 186-202.
15. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Pretos e Pardos estão mais escolarizados, mas desigualdade em relação aos Brancos permanece. Brasília (DF): IBGE; 2019. Available from: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/25989-pretos-ou-pardos-estao-mais-escolarizados-mas-desigualdade-em-relacao-aos-brancos-permanece>.
16. Costa MV, Carrasco-Gutierrez CE, Reis CVS. Diferencial de Salários por Cor e Sexo no Brasil: Uma Análise por Grandes Regiões. *Revista Economia Ensaios*. 2020; 35(1): 293-31
17. Leite MFB, Trigueiro M, Mertins BLCMI, Neto LJT, Santos QM. Perfil socioeconômico de 253 graduandos de Odontologia de uma instituição privada João Pessoa-PB em 2011. *J Health Sci Inst*. 2012; 30(2):117-9.
18. Silva AC, Franco MM, Costa EL, Assunção HRM, Costa JF. Perfil de acadêmicos de Odontologia de uma universidade pública. *Revista Pesq Saúde*. 2011; 12(1): 22-26.
19. Tavares RSA, Lima GRO, Frota FHS, Xavier AR, Cysne MRFP, Tavares CM, et al. O PROUNI como política pública de acesso à educação superior e de inclusão social. *Braz J of Develop*. 2020; 6(6):41950-41966.